

ASPECTOS GERAIS DA ARQUITETURA RELIGIOSA COLONIAL BAIANA

Vilmar Francisco Mayer



1
Volumetria da Cap. N. Sra. da Ajuda - Cachoeira - Séc. XVII.

Foto do autor - 1999

O presente artigo é baseado no capítulo sobre "Arquitetura religiosa colonial na Bahia", da dissertação de Mestrado desenvolvida no PROPAR - UFRGS, em 1999, na área de Teoria, História e Crítica da Arquitetura, com o título "Arquitetura Religiosa Colonial Luso-Brasileira: Uma análise tipológica das igrejas de Portugal e Bahia", sob a orientação da Profª Dra. Glenda Pereira da Cruz.

Na dissertação, abordou-se num primeiro momento conteúdos sobre: "A Igreja católica e a arquitetura religiosa italiana da Renascença ao Barroco"; "Arquitetura religiosa de Portugal no último terço do século XVI e no século XVII"; e "Arquitetura religiosa colonial no Brasil", os quais contribuem como referencial arquitetônico e de contextualização. E num segundo momento realizou-se um estudo de caso sobre "Arquitetura religiosa colonial na Bahia".



2
Fachada frontal da Ig. do Mosteiro de N. Sra. do Monte Serrat - Salvador - 1650/1679.

Foto do autor - 1999

A área do atual estado da Bahia é resultante das divisões do antigo território do Brasil-Colônia, ou seja, originou-se de partes de capitanias criadas no início da colonização. Dessa imensa região que corresponde hoje ao Estado da Bahia, adotou-se para este estudo apenas uma pequena área da antiga capitania da Baía de Todos os Santos, que compreende as cidades que contornam o Recôncavo Baiano e as que se encontram junto à Baía de todos os Santos, em especial a cidade de Salvador, pois é nessa pequena delimitação geográfica que foram construídas as igrejas coloniais mais significativas e de maior valor arquitetônico da Bahia.

As áreas correspondentes à antiga vila da capitania de Porto Seguro, localizada no sul do litoral baiano, e também a de Ilhéus, não atingiram um desenvolvimento considerável para a formação de núcleos urbanos nos primeiros tempos do período colonial, o que resultou em poucas construções de igrejas, apesar de Porto Seguro ter sido um dos mais antigos centros de colonização e evangelização.

Das igrejas construídas na Bahia do século XVI ao início do século XVII, encontram-se atualmente poucos vestígios materiais e artísticos das edificações, pois algumas são apenas ruínas ou estão descaracterizadas da sua concepção original. A maioria das igrejas construídas no primeiro século de colonização foram demolidas naquele mesmo período e nos seguintes, devido ao seu pequeno porte e por terem sido construídas com materiais não duráveis. Dessa forma, foram substituídas por outras de maiores dimensões e imponência, com as características arquitetônicas em voga na época.



3
Fachada frontal da Ig. Santo Antônio da Barra - Salvador - Séc. XVII.

Foto do autor - 1999

Os poucos exemplos ainda existentes do século XVI, construídos na capitania da Baía de Todos os Santos, são capelas e igrejas de pequenas dimensões, como por exemplo: a capela de N. Sra. da Conceição, de planta centrada, construída anexa a antigo solar, a Casa da Torre de Garcia D'Ávila, localizada em uma elevação, à beira-mar, na enseada de Tatuapara, em Mata de São João, e a igreja N. Sra. das Neves, da ilha de Maré, em Salvador, cuja planta e volumetria lembram as pequenas igrejas românicas portuguesas.¹ Desta igreja, apenas o corpo central, nave e capela-mor, são um remanescente do século XVI.

Quanto às igrejas construídas a partir da segunda metade do século XVII até meados do século XVIII, apresentam construções tanto de aspectos rudimentares, austeras, com soluções arcaicas, como também de aspecto monumental e com certo refinamento nas plantas, fachadas e volumetrias.

Das igrejas construídas no século XVII, a partir da tipologia de planta longitudinal, de nave única, e de aspecto mais primitivo, caracterizado pela presença de elementos arquitetônicos como escada externa de acesso ao coro, alpendre adjacente à fachada principal, torre com coroamento piramidal, frontão triangular ou então com uma terminação do tipo beira-seveira, sem a divisão da cornija entre o corpo central e o oitão, o que resulta num plano único, tem-se como exemplo: a capela N. Sra. da Ajuda, em Cachoeira (Fig. 1); a igreja do mosteiro de Monte Serrat (1650/79), em Salvador (Fig. 2); e, a igreja Santo Antônio da Barra, em Salvador (Fig. 3).

Já no caso de igrejas de maior importância arquitetônica, que tiveram sua construção concluída totalmente ou parcialmente durante esse período, destacam-se as pertencentes tanto aos Jesuítas como a outras ordens monásticas. Dessas igrejas, a que merece especial consideração é a igreja do Colégio Jesuíta (1657/72), de Salvador, atual catedral (Fig. 4), pois além de ser uma obra de notável mérito arquitetônico e elevado valor monumental, veio exercer grande influência sobre outras igrejas edificadas na mesma época. Adotou-se para a igreja do Colégio Jesuíta de Salvador o mesmo partido das igrejas jesuítas construídas em Portugal em fins do século XVI, igrejas portuguesas da Contra-Reforma, como a igreja de São Roque, em Lisboa, e a do Espírito Santo, em Évora, que corresponde ao uso da planta longitudinal de nave única com capelas colaterais superpostas por tribunas² (Fig. 5) e a caracterização do interior e exterior da igreja com sobriedade e austeridade.

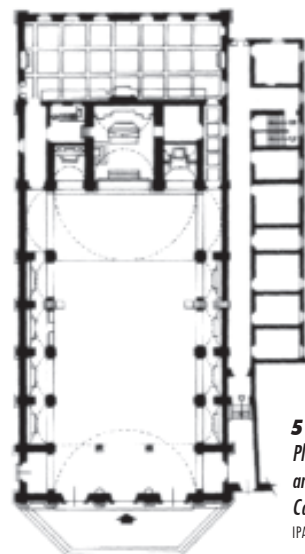
A fachada da igreja do Colégio Jesuíta de Salvador, típica fachada com duas torres construídas no mesmo plano da composição central, marcada por cinco tramos verticais e duas faixas horizontais, com o uso de pilastras e cornijas, são características da igreja de São Vicente de Fora (1582/1629), de Filippo Terzi, construída em Lisboa. Esta última igreja influenciou consideravelmente a transformação da arquitetura religiosa de Portugal, e, conseqüentemente, veio também influenciar as igrejas de maior importância no Brasil. Uma outra característica que se evidencia na fachada da igreja do Colégio Jesuíta de Salvador é o uso de volutas



4

Fachada frontal da Ig. do antigo Colégio Jesuíta - atual Catedral de Salvador.

Foto do autor - 1999



5

Planta baixa do térreo da Ig. do antigo Colégio Jesuíta - atual Catedral de Salvador.

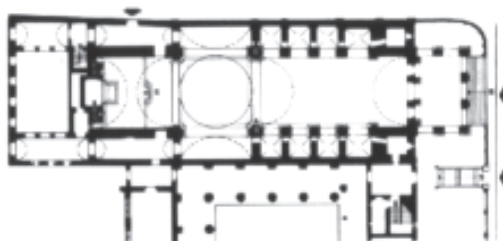
IPAC, v.1, p.23



6
 Fachada frontal da Ig. do Convento de São Francisco -
 Salvador - 1708/1748.
 Foto do autor - 1999



7
 Fachada frontal da Ig. do Conv. Franciscano de Santo
 Antônio - Cairú - 1654/Séc. XVIII.
 IPAC, v.5, p.39



8
 Planta baixa do térreo da Ig. do Mosteiro de São Bento -
 Salvador - 1679/Séc. XIX.
 IPAC, v.1, p.69

preunciadoras do Barroco, coroando o corpo central. Essas características se assemelham, em muito, às dos protótipos portugueses, como é o exemplo da igreja do antigo Seminário Jesuíta de Santarém.

A igreja jesuíta de Salvador exerceu uma considerável influência sobre as igrejas coloniais baianas de outras ordens religiosas, através do seu plano, de planta longitudinal de nave única com capelas laterais, e, também, pela composição de seu frontispício. Como influência relativa ao plano, tem-se o exemplo da antiga Sé de Salvador (século XVII/XVIII), já demolida, e a igreja do Convento do Carmo (16.../1795), em Salvador, e, quanto ao frontispício, tem-se a igreja do Convento de São Francisco (1708/23), em Salvador (Fig. 6), e a igreja do Convento Franciscano de Santo Antônio (1718/22), em São Francisco do Conde.

As influências das formas jesuíticas que sofreram as igrejas dos conventos franciscanos de Salvador e o de São Francisco do Conde fizeram com que elas se distinguissem das demais igrejas da mesma ordem, normalmente com torre única, recuada do plano da fachada, como se observa nas igrejas do Convento Franciscano de Santo Antônio (1654/?), em Cairú (Fig. 7), e de São Francisco do Paraguaçu (1660/1697), em Santiago do Iguape, as quais se apresentam com um frontispício de composição piramidal, bem mais evoluído que o tradicional da ordem Franciscana do Nordeste, de aspecto clássico e com galilé³ de apenas três arcadas.

A fachada imponente da igreja do Convento de São Francisco, em Salvador, com duas torres e um frontão de curvas e contracurvas, bem mais expressivo que as duas grandes volutas utilizadas na igreja do Colégio Jesuíta, também veio influenciar o frontispício de outras igrejas de Salvador, como na fachada da igreja de N. Sra. da Barroquinha (1722/17...).

Encontramos também na Bahia alguns raros exemplos de igrejas com a tipologia da igreja do Gesù (1568), em Roma, de Vignola, e da igreja de São Vicente de Fora (1582/1629), em Portugal, decorrente da romana, com planta longitudinal de nave única, capelas laterais, transepto e cúpula no cruzeiro. Esse partido, mais complexo e pouco freqüente, foi adotado na segunda metade do século XVII nas igrejas do convento de Santa Teresa (1668/89), atual Museu de Arte Sacra, e na igreja do mosteiro de São Bento (1679/18...), em Salvador (Fig. 8).

Algumas igrejas iniciadas na segunda metade do século XVII tiveram a sua construção concluída somente no século seguinte, o que propiciou muitas vezes, ao longo dos anos, diversas alterações da proposta original devido às modas ocorridas no período. A igreja da Santa Casa de Misericórdia (1654/17...), de Salvador, é um desses exemplos. Foi construída inicialmente com uma planta longitudinal de nave única, sem capelas laterais, à qual acrescentaram-se corredores laterais superpostos por tribunas, semelhante aos das igrejas do início do século XVIII; também elevou-se a nave em mais um pavimento, em 1720, resultando, assim, num frontispício monumental.

A partir do uso de varandas laterais à nave, encontrado em Portugal e adotado principalmente nas igrejas rurais no Brasil, gerou-se uma solução mais evoluída para as igrejas baianas no século XVII, que é o uso do pórtico ou varanda com arcadas, superposto por tribunas colaterais à nave da igreja, como é o exemplo da matriz de Santo Amaro de Ipitanga, em Lauro Freitas, e da matriz de São Bartolomeu de Maragogipe, as quais foram construídas no último terço do século XVII. Essas igrejas se apresentam como uma forma de transição para as igrejas de nave única com corredores laterais encimados por tribunas construídas na primeira metade do século XVIII. Essas varandas laterais são encontradas ainda no século XVIII nas igrejas de peregrinação, para servirem de abrigo aos peregrinos, como podemos observar na igreja Senhor do Bonfim (1740/72), em Salvador (Fig. 9).

A igreja matriz São Bartolomeu de Maragogipe (Fig. 10) em muito contribuiu para a renovação da tipologia do frontispício, que se apresenta com duas torres, arrematadas em pirâmide, no mesmo plano da fachada, onde o corpo central se apresenta como um plano único e coroadado por um frontão clássico. O princípio de não se usarem pilastras e cornijas dividindo o corpo central, já utilizado anteriormente, resultou numa maior valorização das aberturas que compõem a fachada principal, que é marcada pela portada central, de maior altura e destaque, duas colaterais menores e por três janelas superiores do coro. Essa composição adotada para a igreja matriz de Maragogipe representa a típica fachada das igrejas baianas do século XVIII, que também serviu de base para o surgimento de outras variações.

Ainda no final do século XVII foi construído o primeiro convento de freiras no país, o das irmãs Clarissas, junto ao qual foi erigida a igreja de N. Sra. do Desterro (1681/17...), localizado na cidade de Salvador. No século XVIII, foram construídas, também em Salvador, a igreja N. Sra. da Soledade (1738/?), pertencente ao convento das irmãs Ursulinas, e a igreja N. Sra. da Lapa (1750/?), do convento das freiras Franciscanas. Tanto a igreja do convento das Clarissas, N. Sra. do Desterro, como a das Franciscanas, N. Sra. da Lapa, adotam uma tipologia de planta bem diferenciada das demais igrejas coloniais baianas, de influência das igrejas dos conventos das irmãs Clarissas construídas em Portugal, nas cidades de Évora (1600/10) e Coimbra (1649/96), que corresponde ao uso do eixo longitudinal da nave paralelo à fachada principal. Outra igreja que apresenta solução semelhante é a igreja do antigo Noviciado Jesuíta, a de N. Sra. da Anunciada (1732/59), em Salvador (Figs. 11 e 12), sendo que nessa igreja a solução é bem mais interessante e criativa, pelo tratamento dado ao conjunto da fachada.

De uma maneira geral, as igrejas construídas na Bahia até o século XVII se caracterizaram por uma semelhança com o estilo “desornamentado” empregado em Portugal nesse mesmo período, que foi denominado por Kubler, de *plain architecture*, termo traduzido para o Português de Portugal como “arquitetura chã”⁴. Foi praticamente através dos Jesuítas e dos



9

Volumetria da Ig. Senhor do Bonfim - Salvador - 1740/1772.

Foto do autor - 1999



10

Fachada frontal da Ig. Matriz São Bartolomeu - Maragogipe - Fins do Séc. XVII.

Foto do autor - 1999



11

Fachada frontal da Ig. N. Sra. Anunciada do Antigo Noviciado Jesuíta - Salvador - 1732/1759.

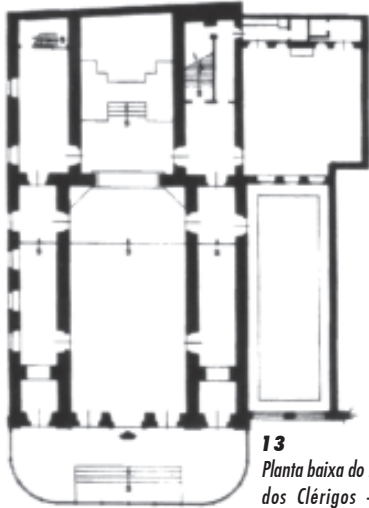
Foto do autor - 1999



12

Planta baixa do térreo da Ig. N. Sra. Anunciada do Antigo Noviciado Jesuíta - Salvador - 1732/1759.

IPAC, v.1, p.77



13
 Planta baixa do térreo da Ig. São Pedro
 dos Clérigos - Salvador - 1709/
 1887.
 IPAC, v.1, p.85

14
 Fachada frontal da Ig. da Ordem Terceira de São
 Francisco - Salvador- 1702/Séc. XVIII.
 Foto do autor - 1999



engenheiros militares que essa arquitetura desornamentada vigente em Portugal chegou ao Brasil.

A maioria das igrejas construídas na Bahia na segunda metade do século XVII foi marcada, tanto externamente como internamente, por esse caráter austero e plano, apesar de algumas igrejas apresentarem uma certa “barroquização” na fachada, através do uso de volutas coroando o corpo central, como na igreja do Colégio Jesuíta de Salvador, ou então ladeando o corpo central, como nas igrejas dos conventos franciscanos de Santo Antônio, em Cairú, e de São Francisco do Paraguaçu, em Santiago do Iguape. Observa-se também nas fachadas dessas duas igrejas franciscanas uma ornamentação mais carregada, em que se empregou uma decoração fitomórfica, a qual já não mais é motivada por uma estrita ordenação arquitetônica. Em algumas igrejas o efeito pitoresco tende a substituir a expressão puramente arquitetônica.

As plantas das igrejas baianas nesse período foram concebidas a partir de articulações simples, sem a utilização de elementos curvos, o que veio resultar em composições de paralelepípedos justapostos e fachadas com certa sobriedade. A sua ornamentação é também austera, calcada especialmente na ordem toscana. As igrejas da Bahia se apresentam, portanto, inteiramente afastadas do conceito espacial e plástico do Barroco italiano, pois seguem uma tradição arquitetônica estabelecida nas igrejas de Portugal, que foi trazida para o Brasil durante esse período.

A arquitetura religiosa colonial na Bahia na primeira metade do século XVIII foi marcada pela construção de inúmeras igrejas, que em sua maioria adotaram a tipologia de planta longitudinal de nave única, acrescida de dois corredores colaterais superpostos por tribunas. Essa solução se tornou na Bahia a tipologia característica das igrejas das Ordens Terceiras e das irmandades, como foi o caso da igreja da Ordem Terceira de N. Sra. da Conceição do Boqueirão (1728/?), em Salvador, e a igreja São Pedro dos Clérigos (1709/1887), em Salvador (Fig. 13).

No início do século XVIII ainda se observa o uso das formas clássicas renascentistas, mas procurando obedecer à imposição da moda. As fachadas das igrejas foram se transformando através da sobreposição de “elementos barrocos”, como também da utilização de portadas e janelas com acentuado verticalismo, de frontões curvos e do coroamento das torres em forma “bulbosa”, apesar de que algumas igrejas tenham conservado a forma piramidal, típica do século XVII, como a igreja Santíssimo Sacramento da Rua do Passo (1737/?), em Salvador. Essa igreja se apresenta com uma solução mais evoluída, tendo a pirâmide apoiada em frontões curvos, além da magistral composição de aberturas, portadas e torres sublinhadas pelos cunhais e pilastras que definem os três tramos verticais.

Uma valiosa contribuição para a arquitetura religiosa colonial no Brasil ocorreu no início do século XVIII, com a construção da igreja da Ordem Terceira de São Francisco (1702/17...), em Salvador (Fig. 14), que apresenta um frontispício totalmente inovador, destoando das demais

igrejas do período: o frontispício é totalmente revestido de esculturas em calcário, tornado-o um caso raro no acervo artístico brasileiro.

A partir da segunda metade do século XVIII, as igrejas vão sendo novamente reformadas, tanto no exterior como no interior, com uma nova decoração e ornamentação, através da evolução de um novo estilo: o Rococó. Com este estilo, ocorre um movimento gracioso na fachada, quer nas sobrevergas das janelas e portas, quer nos frontões, com óculos de formas caprichosas e decorações profusas de estuque, quer no coroamento das torres. Diversas igrejas construídas em Salvador no século XVIII tiveram o seu frontispício primitivo barroco alterado para rococó, como por exemplo: a igreja N. Sra. do Rosário dos Pretos (1704/81), em Salvador (Fig. 15), e a igreja da Ordem Terceira N. Sra. da Conceição do Boqueirão (1728/?).

Muitas das igrejas construídas no século XVIII, tiveram a sua decoração interior alterada em fins daquele mesmo século e no século XIX, na busca de uma nova expressão, para se adequar ao estilo em voga da época, o Neoclássico, como é o caso da igreja N. Sra. de Brotas, em Salvador. Já algumas igrejas apresentaram um interior neoclássico não decorrente de reformas, mas sim, pelo fato de que a obra foi construída ao longo de muito tempo, vindo a ser concluída somente no século XIX, quando, então, recebeu a influência do estilo da época. Destaca-se como exemplo a igreja da Ordem Terceira do Carmo, em Salvador, que teve sua construção iniciada em 1788 e concluída somente em 1860.

O fato de as igrejas do período colonial terem sofrido reformas ao longo dos anos, que consistiam, muitas vezes, na substituição de apenas parte da decoração interior, fez com que muitas dessas igrejas resultassem com um interior totalmente eclético, apresentando-se com dois ou três estilos ao mesmo tempo. Na maioria das vezes, após a reforma concluída, acabava permanecendo no interior da igreja algum remanescente da primitiva decoração. É o caso da igreja N. Sra. do Rosário dos Pretos, iniciada em 1704, que veio a ser reformada tanto no século XVIII como no XIX, resultando no seu interior um púlpito de influência rococó juntamente com altares neoclássicos. Com relação às igrejas da Ordem Terceira de São Domingos, iniciada em 1731, da Ordem Terceira de N. Sra. da Conceição do Boqueirão, em 1728, e do Santíssimo Sacramento da Rua do Passo, em 1732, reformadas no século XIX, tem-se que resultaram num similar aspecto interior, decorrente da substituição da primitiva talha barroca pela neoclássica e da presença da pintura ilusionista barroca do teto da nave, do século XVIII, remanescente da primitiva decoração.

É importante destacar que essas reformas, de uma maneira geral, não produzem alteração na tipologia das plantas, pois continuam sendo, em sua maioria, de nave única com corredores laterais superpostos por tribunas.

A arquitetura religiosa baiana, mesmo tendo todas essas interferências de estilos durante o período analisado, manteve sempre o princípio básico da sua forma arquitetônica a partir do uso da tipologia

15

Fachada frontal da Ig. N. Sra. do Rosário dos Pretos - Salvador - 1704/1781.

Foto do autor - 1999





16

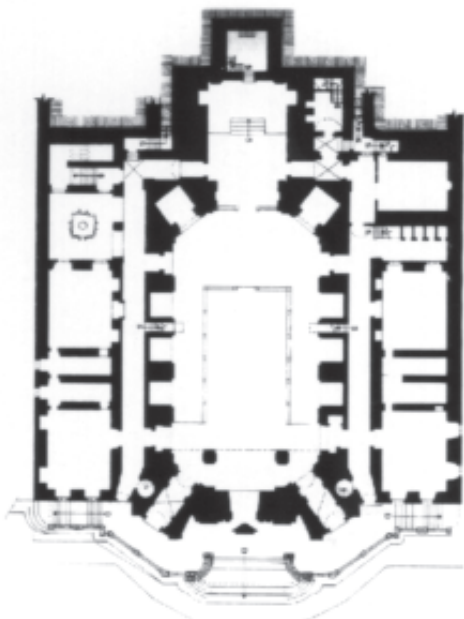
Ig. Basílica de N. Sra. da Conceição da Praia - Salvador - 1739/1773 - Volumetria.
Foto do autor - 1999

da planta longitudinal de nave única, que, com suas demais funções e espaços, resulta numa volumetria definida por paralelepípedos justapostos.

A opção pela construção das igrejas coloniais com paredes planas e não curvas fez com que as manifestações tanto do Barroco como do Rococó, no século XVIII, ocorressem basicamente nas ornamentações de fachada, principalmente no seu frontão. Mas com relação ao interior das igrejas essas manifestações ocorreram com maior ênfase, através do uso da talha nos retábulos, nas paredes e tetos, e, também, através de belíssimas pinturas, como a do tipo “ilusionista barroca”, pintadas nos tetos das naves, resultando num interior de grande riqueza e expressividade, que contrasta totalmente com o exterior. Este contraste que se observa entre o exterior e o interior nas igrejas coloniais, no século XVIII, é decorrente, principalmente, de terem os arquitetos das igrejas baianas conseguido, primeiramente, através do uso da talha, um “movimento” barroco na decoração, muito antes de ele ser levado para a arquitetura.

A arquitetura religiosa baiana construída até o século XVIII, mantém de certa forma uma uniformidade no partido de suas igrejas, ao demonstrar a preferência pelo plano retangular, correspondente à tipologia de planta longitudinal de nave única, com capela-mor de menor altura e largura, o que fez com que na Bahia se tornassem raros os exemplos de igrejas construídas com outras tipologias de planta. Com a tipologia de planta centrada de nave poligonal, regular, tem-se como exemplo: a capela da Torre de Garcia D’Ávila, em Mata de São João, do século XVI, e a igreja do Seminário Maior de N. Sra. da Conceição, em Salvador (1751/56), já demolida, com nave hexagonal; a capela N. Sra. da Penha, em Cachoeira, e a capela N. Sra. da Conceição, também em Cachoeira, com nave quadrada; e a capela do Engenho D’Água, em São Francisco do Conde, com nave octogonal. Pode-se observar que esta tipologia é mais utilizada em pequenas igrejas ou capelas, vinculadas a outros programas arquitetônicos (engenho, seminário, etc.).

Além destes casos raros de tipologias de planta centrada, destaca-se também a igreja N. Sra. da Conceição da Praia (1739/73), em Salvador



17

Ig. Basílica de N. Sra. da Conceição da Praia - Salvador - 1739/1773 - Planta baixa do térreo.
IPAC, v.1, p.37

(Figs. 16 e 17), por ter sido construída com sua nave longitudinal chanfrada nos vértices, ou seja, de forma octogonal alongada, cujo arquiteto procurou, através dessa solução, romper com a planta tradicional retangular. Encontra-se proposta semelhante nas igrejas portuguesas do Menino Deus, em Lisboa (1711) e de São João Batista (1734), em Campo Maior. Esta igreja se diferencia das demais, também, pelo uso de duas torres em diagonal na fachada, como na igreja portuguesa N. Sra. da Piedade, em Elvas, construída na primeira metade do século XVIII.

Em Portugal, com o aporte de artistas estrangeiros, como o italiano Guarino Guarini, na Metade do século XVII, o toscano Nicolau Nasoni e o alemão Johann Ludovice, no século XVIII, entre outros, promove-se uma renovação na arquitetura religiosa portuguesa. Essas novas formas construídas em igrejas de Portugal, com influência de outras regiões européias, vieram, posteriormente, influenciar as igrejas do Brasil. As principais características que marcaram os monumentos religiosos construídos no século XVIII em Portugal, nos reinados de João V (1706/50) e José I (1750/77), e também no Brasil, correspondem ao uso de frontões com significativos recortes, torres coroadas com coruchéus de forma bulbosa, óculos e vãos de contornos complicados. Algumas edificações religiosas de Salvador se apresentam com alguns desses elementos, como a igreja N. Sra. do Rosário dos Pretos, a igreja matriz N. Sra. do Pilar, a igreja da Ordem Terceira N. Sra. do Carmo e a igreja basílica N. Sra. da Conceição da Praia. Esta última igreja, por exemplo, apresenta: coroamento bulboso das torres, nível de óculos compondido com janelas, pestanas, adro com escadarias em composição barroca; e a própria planta tende para o oval.

Apesar dessas influências, as igrejas baianas mantiveram a preferência pela forma prismática, com suas paredes planas, não ocorrendo na Bahia, nesse período, a produção de igrejas com paredes ondulantes, côncavas e convexas, com movimento pulsante ou com interpenetração de espaços, como se observa nas igrejas barrocas da Itália, no século XVII, e em alguns raros exemplos propostos em Portugal, como a igreja Santa Maria da Divina Providência (1653), em Lisboa, de Guarino Guarini, a qual não chegou a ser construída, e a igreja de Santa Engrácia (1682), em Lisboa.

Ao longo dessa transformação da arquitetura religiosa colonial baiana, chama-se a atenção para o grande número de igrejas construídas em Salvador nos séculos XVII e XVIII, como também para o grande valor arquitetônico das suas imponentes construções, o que a torna, do ponto de vista monumental, a cidade mais significativa do Brasil.

O fato de a cidade de Salvador ter sido a sede do Governo-Geral até 1763, tendo, portanto, um contato direto com a Metrópole, veio propiciar um maior desenvolvimento para essa capital, e, conseqüentemente, a construção de grande número de igrejas durante esse período. Mas, a construção desses belíssimos monumentos da arquitetura religiosa só foi possível devido ao grande crescimento

econômico da região, decorrente principalmente das plantações de cana-de-açúcar e dos respectivos engenhos, construídos principalmente no Recôncavo Baiano. A transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763, não veio acarretar uma diminuição da importância de Salvador como cidade, pois ela esteve sempre entre as principais do Brasil Colônia.

NOTAS

1. Ver *História da Arte Portuguesa*, dir. Paulo Pereira: O mundo românico (séculos XI-XIII), de Jorge Rodrigues. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.
2. As tribunas, localizadas no pavimento superior, além de apresentarem valores funcionais ou estéticos, são também um elemento técnico de reforço na sustentação das altas paredes da nave principal.
3. Galilé ou nártex: corresponde ao “espaço coberto de transição que dá acesso à nave de uma igreja, localizado abaixo do coro. Geralmente se encontra entre as torres da fachada principal, e suas aberturas se desenvolvem em forma de arcada. Espécie de vestíbulo situado na frente da nave, com uma configuração bem definida em planta.” ALVIM, Sandra. *Arquitetura Religiosa no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN/PMCRJ, 1997. v.1, p.241.
4. O termo “chão” no Português do Brasil tem uma conotação pejorativa, o que não acontece em Portugal. Aqui o termo indica uma arquitetura de fachadas planas, sem muitos movimentos volumétricos que expressa exatamente a contribuição do pragmatismo da engenharia militar, praticada pelos engenheiros a serviço da coroa e por Jesuítas cuja ordem tem em sua estrutura uma organização similar a dos militares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Carlos de. *Igrejas de Portugal*. Lisboa: Difel e Bertrand Editora, 1985.
- BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956. 2v.
- BURY, John. *Arquitetura e arte no Brasil Colonial*. São Paulo: Nobel, 1991.
- CAMPLIGLIA, G. Oscar Oswald. *Igrejas do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos. [s.d.]
- CORREIA, José E. Horta. *Arquitetura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença. [s.d.]
- ETZEL, Eduardo. *O barroco no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1974.
- GOITIA, Fernando Chueca. *História de la arquitectura occidental: barroco en hispanoamerica Portugal y Brasil*. Madrid: Editorial Dossat, S.A., 1985. Guia dos bens tombados: Coordenação de pesquisa Maria Elisa Carrazoni. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1987.
- IPAC-BA/ *Inventário de proteção do acervo cultural*. Salvador: Sec. da Ind. e Com./ Coord. de Fomento ao Turismo/ Projeto Patrimônio Histórico, 1975. 5v.
- KUBLER, George. *A arquitetura portuguesa chão: entre as especiarias e os diamantes 1521-1706*. Lisboa: Vega, 1988.
- MURRAY, Peter. *Arquitectura del renacimiento*. In: HISTÓRIA UNIVERSAL DE LA ARQUITECTURA, dirigida por Pier Luigi Nervi. Madrid: Aguilar, 1972.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Arquitectura barroca*. In: HISTÓRIA UNIVERSAL DE LA ARQUITECTURA, dirigida por Pier Luigi Nervi. Madrid: Aguilar, 1973.
- REIS, Humberto; CHICÓ, Mário T. *A arquitetura religiosa do alto Alentejo na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1983.
- SANTOS, Paulo F. *O barroco e o jesuítico na arquitetura do Brasil*. Rio de Janeiro, 1951.
- SMITH, Robert C. *Arquitetura colonial: as artes na Bahia*. Salvador: Livraria Progresso, 1955.
- TELLES, Augusto C. da Silva. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro: FENAME/DAC, 1975.

Vilmar Francisco Mayer

Arquiteto, graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Unisinos/RS(1985), especialista no Ensino de Arquitetura - CESUP/MS(1994), mestre em Teoria, História e Crítica da Arquitetura - PROPAR-UFRGS(1999). Professor e Coordenador Executivo do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS/RS(2000), e profissional autônomo (projeto e execução).